



O CRISTIANISMO PRIMITIVO FEMININO: UMA ANÁLISE DA MULHER NA FORMAÇÃO DA IGREJA PRIMITIVA

Quézia Marques Palma⁷⁰

Emmanuel Roberto Leal de Athayde⁷¹

Resumo

A reflexão discorre sobre a perspectiva de Jesus com relação às mulheres. Os Evangelhos estão situados no contexto romano-judaico, no qual se pode perceber desdobramentos do olhar de Cristo para a mulher e seu papel além da atuação doméstica. A figura feminina é mão ativa da formação da igreja primitiva, como diaconisas e evangelistas, as quais influenciam a igreja protestante até hoje. Assim, Jesus promove a valorização das mulheres em suas diversas funções, reconhecendo seu papel vital na família, na igreja e na sociedade, e incentivando-as, por meio dessa análise, a viver de forma plena o propósito de Deus na vida delas.

Palavras-chaves: Mulher; valorização feminina; Família; Igreja Primitiva.

Abstract

This reflection discusses Jesus' perspective on women. The Gospels are set in the Roman-Jewish context, in which one can perceive developments in Christ's view of women and their role beyond domestic activity. Women are active in the formation of the early church, as deaconesses and evangelists. They influence the Protestant church today. Thus, Jesus promotes the appreciation of women in their various functions, recognizing their vital role in the family, church and society, and encouraging them, through this analysis, to fully live God's purpose in their lives.

Keywords: Women; female appreciation; Family; Early Church.

⁷⁰ Graduada em História Licenciatura e Pós-graduada em História da Teologia e do Pensamento Cristão pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

⁷¹ Bacharel em Teologia; Mestre e Doutor em Ciências da Religião. Professor de História do cristianismo na Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Introdução

Vivendo no século XXI, em pleno ano de 2024, podemos notar, através da História, como o espaço da mulher na sociedade foi se diversificando e ampliando. Por vezes, a igreja acaba sendo um reflexo da sociedade, sendo isso positivo ou negativo, e não cabe a esse artigo discutir, mas evidenciar que a mulher na igreja primitiva foi olhada e cuidada, quando o próprio Cristo se fez carne e mudou a sociedade em que estava inserido.

Quando Jesus olhou para as mulheres e deu voz e sentido para vida delas, uma porta foi aberta novamente, para a mulher se inserir naquilo que é considerada vida religiosa; não que as mulheres não tivessem uma religião, mas, no judaísmo, elas não tinham muito espaço, como descrito por Hamilton (2004) sobre as discussões dos rabinos com relação ao Talmude ou a Mishná, em que hora viam a mulher em unidade com o homem, e hora só apontavam as suas diferenças.

A Mishná continha, por exemplo, uma extensa seção com regras para as mulheres, Seder Nashim, mas não incluía nada semelhante para os homens. [...] As obras deles [rabinos] eram repletas de discussões acaloradas [...], às vezes, baseiam os argumentos nos registros de Gênesis e defendiam o valor da mulher. Contudo, mais comum era os rabinos se afastarem dos valores apresentados na Bíblia. (Hamilton, 2004, p. 110).

Este artigo propõe fazer uma reflexão sobre como Jesus via as mulheres de acordo com os Evangelhos, entendendo o mundo romano-judaico que viviam, e os desdobramentos do olhar de Cristo para a mulher e seu papel, não somente no doméstico, mas como mão ativa na formação da igreja primitiva, como

diaconisas e evangelistas, e como influência na igreja protestante hoje. Cabe então a pergunta, Jesus restabeleceu uma visão da mulher ou criou uma nova identidade para ela?

Além disso, o artigo é proposto para promover a valorização das mulheres em suas diversas funções, reconhecendo seu papel vital na família, na igreja e na sociedade, e incentivando-as, por meio dessa análise, a viver de forma plena o propósito de Deus na vida delas.

1 - Antes de Cristo

Deus foi muito proposital ao enviar Seu Filho naquele tempo e naquela terra, o que é atestado na carta do apóstolo Paulo aos gálatas, referenciado em Gálatas 4. 4-5, o qual explica sobre o Evangelho de Cristo: “Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei. Para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adoção de filhos”.

Fazendo uma viagem no tempo, estamos na terra de Nazaré, há aproximadamente 2 mil anos, conhecida por ser um povoado pequeno e humilde, há 157 quilômetros da cidade de Jerusalém. Quando Natanael profere “[...] E será que pode sair alguma coisa boa de Nazaré?”, no Evangelho de João 1.46, percebemos que, culturalmente falando, não esperavam que algo saísse de Nazaré para se ter algum tipo de notoriedade, nem na comunidade judaica e nem para o mundo romano em que viviam.

É a partir desse pressuposto que debruçamos o olhar sobre como Deus usa os improváveis nos tempos de Jesus, antes dele e também posteriormente. Segundo Cunningham (2004), no livro “Por que não elas?”, temos uma descrição dos tempos bíblicos.

Na época de Cristo, os judeus já não levavam mais em consideração a igualdade dos sexos, que Deus estabelecera em Gênesis 1 a 3. Aliás, eles haviam dotado a prevalecente mentalidade dos gregos e romanos, segundo a qual a mulher era um ser inferior aos homens [...]. Os gregos e romanos acreditavam que a mulher era inferior ao homem; era subumana. Além disso, os rabinos, em seus ensinamentos, depreciavam bastante a mulher (Cunningham, 2004, p. 61)

Jesus inicia seu ministério nesse momento, em que as mulheres não eram valorizadas. No mundo grego e romano, Eurípedes escreveu: “Mulheres inteligentes são perigosas”⁷² e Platão declarou: “Quanto à bondade, as mulheres são inferiores aos homens”⁷³. Jesus vivia em um mundo fortemente influenciado por esses autores, e, claro, os judeus, desde o momento em que Pompeu, em 63 a.C., invadiu e tomou Jerusalém.

Uma característica das mulheres nesse período romano-judaico era a ausência de seu próprio nome, pois enquanto os homens romanos tinham três nomes, as mulheres romanas tinham apenas o nome do clã e da família. Por isso, a filha de Gaio Júlio César, o primeiro imperador romano, é Júlia, indicando que ela é filha de Júlio; se ela fosse a filha mais nova, seria chamada de Júlia Secunda, algo como Júlia Segunda. (Hamilton, 2004, p. 96 e 97). Isso ocorria com todas as mulheres no mundo romano, sejam da alta sociedade ou não.

Além disso, o adultério da esposa era um crime gravíssimo e a lei romana autorizava o marido a matar a esposa em caso de adultério. Enquanto isso, os homens eram aconselhados a traírem

suas esposas, como Ovídio escreveu “[...] tenha duas amantes ao mesmo tempo. Aquele que tem mais é ainda mais forte” e ainda “Se você é sábio, engane apenas as mulheres [...] Engane as enganadoras”⁷⁴. Ora, se a mulher é vista como filha de Vênus, conhecida por ser infiel, logo todas serão assim, devem ser tratadas com desprezo e vistas somente como formas necessárias para procriação.

Contudo, devemos nos debruçar na verdade bíblica de que Jesus veio resgatar. Hamilton discorre sobre a formação de Eva:

Enquanto Zeus criou Pandora como um “ser maligno”, a maldição eterna sobre o homem, o Deus da Bíblia usou a criatividade para formar Eva como um presente belo para o homem. (Hamilton, 2004, p. 102).

Homem e mulher têm a mesma origem: Deus. Antes de criar Eva, Deus já havia declarado que tudo que Ele criou “era bom”, mas viu Adão sozinho e declarou, em Gênesis 2.18, “Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele”. Em seguida, temos o relato de que Adão é posto em sono profundo, uma costela sua é retirada e dela, o Senhor Deus modelou a mulher e a conduziu até Adão. As primeiras palavras que Eva ouve são como uma canção de amor que Adão declama em Gênesis 2. 23 “Então exclamou Adão: “Esta, sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada ‘mulher’, porquanto do ‘homem’ foi extraída”.

Desde a formação da humanidade, a mulher sabe que é amada e desejada. Adão desejava alguém para compartilhar sua vida, e Deus em sua Escritura deixa claro que Eva é criada para

⁷² EURÍPEDES. Meda, pp. 285, 319, 320. Citado em POMEROY. GODDESSES and SLAVES, p. 106.

⁷³ PLATÃO. Leis, 708e-781d e 790a.

⁷⁴ OVÍDIO. The Art of Love, Books I-III (A arte do amor), em The Art of Love and Other Poems (A arte do amor e outros poemas), traduzido para o inglês por J.H. Mosley. Cambridge: Loeb Classical Library, Harvard University Press, 1969, 1.643-646.

servir com Adão e não para servir a Adão. Isso fica evidenciado quando, em Gênesis 2.24, é o homem quem deixa tudo, seu pai e sua mãe, para se unir à sua mulher, porém na cultura atual, é o contrário que ocorre. Isso não faz com que a mulher seja maior ou melhor que o homem, mas sim, que tem seus papéis definidos por Deus na formação do mundo; aquilo que vemos de desvirtuado na união do homem e da mulher hoje, é consequência do pecado.

2 - Distorcendo o projeto de Deus

O pecado surge em Gênesis 3, quando Adão e Eva viram as costas para Deus em troca da promessa de “serem como Deus” e esse ato traz a “guerra dos sexos”, o mal entra no mundo por um casal e a consequência é a visão distorcida dos papéis do homem e da mulher, do matrimônio, da família, da sociedade e do projeto que Ele havia criado.

Pela visão de que o pecado entrou no mundo por causa da mulher e não por causa do casal que comeu do fruto proibido, a mulher, mesmo no mundo judaico, é posta de lado. Os rabinos diziam que “Ai daquele que tem filhas! Uma filha é como uma arapuca para seu pai [...]” (Biale, 1984, pp.275, 276, nota 13) , e pelas tradições, as mulheres foram sendo cada vez mais vistas como um fardo, um erro e culpadas dos seus pecados e por provocar desejos pecaminosos em algum homem.

McLaughlin expõe que o cristianismo nos primeiros séculos, numa cultura greco-romana, era mais conhecido por atrair mulheres e escravos. A prova disso é a fala do filósofo grego, Celso, dizendo que “os cristãos, querem e conseguem convencer tão somente os tolos, ignóbeis e estúpidos, apenas escravos, mulheres e crianças pequenas”. (McLaughlin,, 2023, p.11).

Por mais que essas falas sejam as que a história deu notoriedade, pois a história é contada, muitas vezes, por recortes de eventos, já conseguimos ter um panorama de como era a vida nesse período. Podemos explicar certas atitudes de Jesus para com as mulheres como sendo revolucionário para o período, mas resgatador no sentido da finalidade para qual Deus criou o mundo.

Nesse momento vamos analisar a história de três mulheres excluídas da sociedade. Andando onde ninguém as via, mas Jesus as viu, e não só viu como as chamou, e não só as chamou como as reconheceu como filhas e como evangelistas do seu ministério.

3 - As que viram e creram

No Novo Testamento, a participação feminina no movimento de Jesus e posteriormente da igreja cristã é ainda mais clara. Nos quatro evangelhos, as mulheres são as primeiras a proclamar a ressurreição de Cristo. (Silva, 2024, p. 114)

No Evangelho de Lucas, capítulo 13, lemos a história de uma mulher aleijada que se encontrava nos fundos da sinagoga, naquele tempo, as mulheres ficavam atrás e os homens mais à frente, e ela ouvia os ensinamentos de Jesus no sábado. Jesus pede que a mulher vá à frente e a livra da enfermidade que a acometia, e ela, em profunda gratidão, glorifica a Deus e ainda é chamada de filha de Abraão. (Hamilton, 2024, p. 123).

Encontramos a expressão filho de Abraão algumas vezes na Bíblia, e o próprio Cristo a usa, em Lucas 19.9, se referindo a Zaqueu, o chefe dos publicanos, um cobrador de impostos do Império Romano, alguém mal-

visto pelos mais religiosos. Jesus faz isso, Ele chama os que estão longe para perto, como fez com Zaqueu, anteriormente Ele já havia feito com a mulher encurvada, no meio da sinagoga.

A expressão filha de Abraão só havia sido usada outras três vezes nos ensinamentos dos rabinos, e apenas como alegoria para uma nação. Veja B. Hagigan 3a, B. Sanhedrin 94b e B. Sukkah 49b. (Hamilton, 2024, p. 270).

How beautiful are the feet of the Jewish people at the time when they ascend to Jerusalem for the Festival. “O prince’s daughter”; this is referring to the daughter of Abraham our Patriarch.

מילוע מהש ומזב ידוהיה מעה לש וילגר תופי המכ
לש ותבל איה הנווכה דיסנה תב וה". גחל מילשוריל
75 וניבא מהרבא

Jesus foi intencional chamando-a de filha de Abraão, pois os judeus não tinham qualquer costume de ouvir essa expressão em referência a mulheres. Aqui, ela passa a ser reconhecida como coerdeira da promessa de Abraão, assim como os homens eram chamados, ela também foi. Aquela essência, a visão que havia sido distorcida pelo pecado e pela religiosidade, já iniciava seus passos de retorno ao que Deus formou, como escrito em Gênesis 1.27 “E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”.

Aqui vemos os primeiros passos do que viria ser a Igreja primitiva, aquela que nasceu a partir de Cristo e das suas boas novas. Jesus deixou claro nessa passagem da mulher aleijada, que não importa o que os religiosos façam, Cristo é o pilar, Ele dita nossa vida, nossa

ética e moral e não nos separa na sinagoga, não coloca mulheres de um lado e homens do outro, ou juntos num ringue para duelar. Jesus dá harmonia, direcionamento, acolhe e nos chama de filhos. Todos nós.

Outro caso no qual percebemos que Jesus restaura uma visão perdida ou enevoada pelo passado e uma promessa já distante para o seu tempo, é a passagem que está nos Evangelhos de Mateus, Marcos e João, mas vamos nos atentar ao versículo de João 12. 1- 3, onde encontramos o nome da mulher que O ungiu, Maria, da cidade de Betânia, irmã de Marta e Lázaro, o qual Ele ressuscitou.

1 Seis dias antes da Páscoa Jesus chegou a Betânia, onde vivia Lázaro, a quem ressuscitou dos mortos.

2 Ali prepararam um jantar para Jesus. Marta servia, enquanto Lázaro estava à mesa com ele.

3 Então Maria pegou um frasco de nardo puro, que era um perfume caro, derramou-o sobre os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos. E a casa encheu-se com a fragrância do perfume.⁷⁶

Nessa passagem, uma mulher toma uma atitude que seria separada somente por alguém muito especial, como um sacerdote, rei ou profeta. O ato de unção de um rei no Antigo Testamento, como vemos em 1 Samuel 9. 16 “Unja-o como líder sobre Israel, o meu povo”, quando Deus pede para o profeta Samuel ungir o rei de Israel, que viria a ser Saul, é algo marcante e sublime.

⁷⁵ SEFARIA. B. Sukkah. 49b. Disponível em: <<https://sefaria.org/Sukkah.49b.6?lang=bi&lookup=How%20beautiful%20are%20the%20feet%20of%20the%20Jewish%20people%20at%20the%20time%20when%20they%20ascend%20to%20Jerusalem%20for%20the%20Festival.%20%E2%80%9C%C20prince%E2%80%99s%20daughter%E2%80%9D%D%3B&namedEntity=abraham&namedEntityText=%D7%90%D6%B7%D7%91%D6%B0%D7%A8-%D6%B8%D7%94%D6%B8%D7%9D&with=Lexicon&lang2=en>>. Acesso em: 04 de ago. de 2024.

⁷⁶ BÍBLIA ESTUDOS. João 12. 1-3. Disponível em: < <https://bibliaestudos.com/nvi/joao/12/> > Acesso em: 09 de set de 2024.

A unção é feita como reconhecimento do sacerdócio de alguém, da mão de Deus que abençoa aquela pessoa, que o designa para uma função separada, isso serve até mesmo para objetos, como os do Tabernáculo em Êxodo 40.9, que são ungidos e separados para o serviço. Maria de Betânia unge Jesus com um perfume caro. Ela está ali reconhecendo Jesus como Sacerdote, Rei e Profeta. Veja, não foi um profeta que veio ungir Jesus, ou um rei; foi uma mulher, judia, que o unge, isso é de se admirar: um ato de tamanha devoção e de amor extravagante, que é veementemente defendida por Jesus quando Maria é criticada pelo seu ato.

Judas Iscariotes, o que traiu Jesus, é reconhecido no Evangelho de João como o crítico de Maria e alega que se vendessem aquele perfume, teriam trezentas moedas de prata que seriam usadas para ajudar os pobres. Por trás da aparente boa intenção, estava um coração invejoso. Maria foi a discípula que Judas deveria ter sido. (McLaughlin, 2023, p. 71).

Jesus reconhece isso na fala de Judas e defende Maria, lembrando-os ainda que passariam pelo sepultamento dEle e o quão notável e importante foi o ato de Maria para com o seu Senhor.

6 “Deixem-na em paz”, disse Jesus. “Por que a estão perturbando? Ela praticou uma boa ação comigo.

7 Pois os pobres vocês sempre terão consigo, e poderão ajudá-los sempre que o desejarem. Mas a mim vocês nem sempre terão.

8 Ela fez o que pôde. Derramou o perfume em meu corpo antecipadamente, preparando-o para o sepultamento.

9 Eu lhes asseguro que onde quer que o evangelho for anunciado, em todo o mundo, também o que ela fez será contado em sua memória”.⁷⁷

Maria de Betânia, a mesma que sentou aos pés de Jesus, como os discípulos faziam com seu mestre. O estudioso Darrell Bock (1996) comenta que a mulher sentada dessa forma, na cultura rabínica, quando mulheres não recebiam formação educacional, era algo espantoso. Mas, para Jesus, não era espantoso, era isso que Ele queria, proximidade com os seus, quer sejam mulheres, quer sejam homens. (Bock, 1996, p. 1037).

Em paralelo a esse ato de sentar aos pés do rabi, vemos como a igreja primitiva foi se formando: um falando e outros ouvindo atentamente, um ajuntamento organizado para pregar o Evangelho de Cristo e se espalhar pelo mundo. Em Lucas 8.1-3, lemos que o ministério de Jesus foi acompanhado dos doze discípulos escolhidos por Ele e por algumas mulheres, entre elas Maria Madalena, de quem Jesus havia expulsado sete demônios, Susana e outras mulheres não nomeadas.

O texto cita também Joana, esposa de Cusa, que era o administrador financeiro de Herodes Antipas, tetrarca da Galileia, o mesmo que pediu a cabeça de João Batista em uma bandeja durante uma festa. No Evangelho de Lucas, no capítulo 9, vemos que Herodes procurava por Jesus e queria vê-lo. Tomamos por interpretação que Lucas só poderia saber disso através de Joana, de que outra maneira os seguidores de Jesus, tão afastados da realeza mundana, poderiam saber as intenções de Herodes Antipas? Somente se houvesse uma informante de dentro da realeza.

⁷⁶ BÍBLIA ESTUDOS. João 12. 1-3. Disponível em: < <https://bibliaestudos.com/nvi/marcos/14/> > Acesso em: 09 de set de 2024. Grifo nosso.

Joana é uma agente a serviço do Reino, ela não se importa com o que pensarão de uma mulher da nobreza romana sendo seguidora de um rabi judeu, ela quer segui-lo, para onde Ele for. Ela não se mostra somente como discípula, mas como testemunha ocular da morte de Cristo e portadora de anunciar a ressurreição de Jesus, isto é, uma evangelista.

Quando lemos a passagem de Lucas 23.49: “As mulheres que o tinham seguido desde a Galileia ficaram de longe, olhando tudo aquilo” não identificamos quem são essas mulheres que estão vendo a crucificação, mas precisamos nos lembrar, e Lucas 24 nos dá a resposta, de quem são aquelas que acompanharam Jesus até o final, e foram as mesmas, inclusive, que viram os dois homens com roupas brilhantes anunciando que Jesus já não estava entre os mortos.

8 Então as mulheres se lembraram das palavras dele

9 e, quando voltaram do túmulo, contaram tudo isso aos onze apóstolos e a todos os outros.

10 Essas mulheres eram Maria Madalena, Joana e Maria, mãe de Tiago. Estas e outras mulheres que foram com elas contaram tudo isso aos apóstolos.⁷⁸

Mateus ainda nos dá mais um detalhe, as primeiras pessoas que Jesus apareceu ressurreto, foram as mulheres. No capítulo 28, Jesus encontra com as mulheres que anunciariam a ressurreição aos apóstolos.

9 E, indo elas a dar as novas aos seus discípulos, eis que Jesus lhes sai ao encontro, dizendo: Eu vos saúdo. E elas, chegando, abraçaram os seus pés, e o adoraram.

10 Então Jesus disse-lhes: Não temais; ide dizer a meus irmãos que vão à Galiléia, e lá me verão.⁷⁹

Jesus não aguardou que elas anunciassem e voltassem com os discípulos, Ele já se mostrou a elas. Que Glória! Ele confiou nelas. Essas que não eram vistas como dignas de confiança pelos rabinos, pelo Talmud, pelos homens romanos e pela religião eram excluídas para uma participação ínfima. Jesus foi além de dar-lhes permissão para pregar, Ele ordenou que elas proclamassem as boas-novas, foram elas suas ministras, no sentido grego diakonos, diáconos de Jesus. (Hamilton, 2004, p. 134).

Salviano (2021, p. 94) faz uma reflexão sobre esse momento tão marcante, apontando que as mulheres, mesmo após a crucificação e ressurreição, mantiveram sua fé e foram as primeiras a O verem ressurreto.

Um dos fatores de atração do cristianismo para as mulheres foi justamente a igualdade ensinada pelo evangelho. Portanto, todas achavam lugar nas fileiras cristãs: patrícias e plebeias, escravas ou ricas matronas, jovens virgens ou pecadoras arrependidas. (Salviano, 2021, p. 94).

4 - As que não viram e creram

Após a ressurreição de Jesus e de caminhar com seus discípulos por mais 40 dias, Jesus ascendeu aos céus com a promessa de que retornaria e deixou um serviço: ir por todos os povos do mundo e fazer com que sejam Seus seguidores, batizando-os em nome de Jesus e ensinando-lhes a obedecer a tudo que Jesus ordenou.

Após a morte de Jesus e o primeiro movimento

⁷⁷ BÍBLIA ONLINE. Lucas 24. Disponível em: < <https://www.bible.com/pt/bible/compare/LUK.24.8-11> > Acesso em: 09 de set de 2024.

de expansão do cristianismo pelas regiões da Ásia Menor a documentação paulina atesta ampla evidência de que as mulheres continuaram a desempenhar papéis de patronagem e liderança nas primeiras fases missionárias. (Bonze, 2020, p. 3). Mesma ação que podemos acompanhar nos apóstolos de Jesus: em Atos dos Apóstolos, no capítulo 2, Pedro, em uma pregação, batizou três mil pessoas que se tornaram seguidoras de Jesus; Filipe, em Atos 8, converte e batiza um alto funcionário da Etiópia, o que nos leva a crer que este levou a mensagem de Jesus para os seus conterrâneos também.

Para encontrarmos as que não viram Jesus, mas creram nEle, precisamos adentrar na história de Paulo, cujo nome hebraico é Saulo. Nascido na cidade de Tarso, região da Cilícia, Saulo era um fariseu. Este, que atuava contra os cristãos e os perseguiu, ficou cego de uma luz que vinha do céu e que se apresentou como Jesus de Nazaré, a quem Saulo perseguia.

Após sua conversão, ele dedicou a sua vida a Jesus e pregou Seu Evangelho e instruiu os cristãos da igreja primitiva. Em diversas passagens Paulo deixa claro que as mulheres são ativas na igreja. Na primeira carta de Paulo a Timóteo, logo no primeiro capítulo, Paulo lembra Timóteo da fé e ensinamentos que a sua avó Loide e sua mãe Eunice lhe deram, mudando a percepção judaica que as mulheres não costumavam ensinar a religião aos filhos, isso era tarefa dos mestres da lei.

Destacamos a carta aos Coríntios, que Paulo aponta para o ministério de várias mulheres que atuavam na igreja. Nessa carta, Paulo está escrevendo para o povo que vivia em uma cidade promíscua, onde surgiu um verbo grego, *korinthiazesthai*, que significa “viver em Corinto”, mas que também era usada como um

adjetivo para “viver em imoralidade sexual” (Hamilton, 2004, p. 148), compreendendo as raízes da cidade de Corinto.

Quando Paulo chegou a Corinto, encontrou com dois judeus exilados e banidos pelo édito do Imperador Cláudio, Áquila e sua esposa Priscila, que vinham de Roma e, junto de outros seguidores e de Paulo, fundaram uma igreja nessa cidade e trabalharam juntos fazendo barracas.

Encontramos aqui um casal que segue o propósito que Deus os chamou, mesmo banidos de uma cidade por seguirem a Jesus, não se abalaram. O pecado, que distorceu a visão do matrimônio, foi resgatado em Cristo Jesus e vemos isso através desse casal. O pecado já não faz mais parte com eles, já não os distorce a visão, agora eles, inseparáveis, são seguidores de Cristo, fiéis em meio a uma cidade de imoralidades; os dois são um e como um, fazem tudo para glorificar a Deus.

O Novo Testamento os menciona sete vezes, sempre juntos, inseparáveis em seu ministério. Não apenas isso, mas, das sete vezes, em cinco o nome de Priscila aparece primeiro. Isso contraria o costume romano de citar o homem antes na referência a um casal. (Hamilton, 2004, p. 152). Tal fato pode ser conferido em: At 18. 1-3, 18, 26; Rom 16.3; 1Co 16.19; 2Tm 4.19. (Horton, 1999, p. 169).

Na carta de Paulo aos Romanos, no capítulo 16, encontramos outra mulher de demasiada notoriedade e importância para o ministério de Jesus, Febe. Ela era uma mulher que servia à Igreja de Cencreia, em Corinto, e foi a única a receber uma carta de recomendação do próprio Paulo.

1 Recomendo-vos, pois, Febe, nossa irmã, a qual serve na igreja que está em Cencréia,

2 Para que a recebais no Senhor, como convém aos santos, e a ajudeis em qualquer coisa que de vós necessitar; porque tem hospedado a muitos, como também a mim mesmo.⁸⁰

1 Συνίστημι δὲ ὑμῖν Φοίβην τὴν ἀδελφὴν ἡμῶν οὖσαν καὶ διάκονον τῆς ἐκκλησίας τῆς ἐν Κενχρεαῖς.⁸¹

Paulo usou duas palavras para descrever Febe, a primeira é irmã, do grego ἀδελφήν (adelphes), que significa irmã espiritual, que conota um amor fraterno de irmãos, ou seja, Paulo a reconhece como uma igual, de mesmo vínculo, na caminhada com Cristo. Não a categorizou somente como uma “serva”, que veremos adiante, mas como irmã, assim como ele descreveu as mulheres jovens como irmãs que deveriam ser tratadas com toda pureza, na primeira carta a Timóteo, no capítulo 5.

A segunda palavra é “serva”, que no original grego é a palavra diakonos. Esse termo deriva do grego διακονέω, que significa ministrar ou servir, por isso nas traduções encontramos Febe sendo ‘serva da igreja’. O ministério do diaconato é destacado em Atos 6, na escolha daqueles que iriam ‘servir’, ou seja, serem diáconos, para anunciar o Evangelho de Cristo.

A palavra diaconia não se priva somente ao gênero masculino, Paulo, na carta aos Efésios, no capítulo 3, refere a si mesmo como “ministro” (διακονέω)⁸², da mesma forma que se refere a Febe. Podemos compreender que essa também era uma função atribuída às mulheres na igreja primitiva. Febe foi uma diaconisa, servindo a igreja, a expansão das boas-novas, era ministra do Evangelho e foi

reconhecida nesse papel publicamente através da carta de Paulo.

Paulo continua sua recomendação e faz um destaque muito peculiar, tendo em vista a cultura judaico-romana daquela época, mulher abaixo do homem. Paulo usa a palavra grega prostatis προστασις, ou seja, líder-servo, que podemos entender como uma pessoa que defende a causa dos outros e não seus próprios interesses, pois não existe uma palavra exata no português. Ele define Febe como uma líder e serva, pois sendo ela estimada prostatis e diakonos, deve ser digna de confiança, de ser recebida e tratada muito bem pela igreja em Roma.

Outras foram as mulheres que Paulo nos apresenta em suas cartas, como Cloe, em 1º Coríntios 1.11, quando ele é informado que há divisões ocorrendo entre os irmãos em Corinto. Essa referência à “casa de Cloe” ou também “família de Cloe” é importante, por mais que não tenhamos nada além dessa referência, ela é significativa pois Cloe e os de sua casa enviaram ao apóstolo Paulo suas preocupações com tais divisões na igreja.

Esse zelo que os de Cloe têm demonstra que eles estavam incomodados com algo que estava fugindo do Evangelho, algo contrário ao propósito principal de serem todos irmãos em Cristo, não em Paulo, Pedro ou em Apolo, como o Apóstolo destaca no verso 12. Eles foram fundamentados nas bases de Cristo e se preocupavam com essas divisões, pois, vivendo numa cultura grega, as pessoas da comunidade se identificavam pelas suas correntes filosóficas, mas não na Igreja de Cristo Jesus e é isso que os da casa de Cloe apontam e buscam direcionamento.⁸³

⁸⁰ BÍBLIA ONLINE. Romanos 16. Disponível em: < <https://www.bibliaonline.com.br/acf/rm/16> > Acesso em: 09 de set de 2024.

⁸¹ BIBLEHUB. Romans 16. Disponível em: < <https://biblehub.com/whdc/romans/16.htm> > Acesso em: 17 de set de 2024.

Para além de poderem ser taxados de “fofoqueiros” de seu tempo, aqui encontramos cuidado, atenção com os irmãos e prontidão em ajudar, pois se receberam uma carta de volta de Paulo os instruindo sobre o que deveriam fazer, estavam dispostos a estar nesse posto. Por mais que a Cloe não seja tão explorada no texto, podemos concluir que era uma mulher zelosa, com a casa aberta aos irmãos. Sem nome de marido ou filhos que a designam a uma família específica, ela era uma com os seus, sejam família de sangue ou irmãos em Cristo.

Considerações finais

Nossa percepção sobre o ministério feminino é baseada nos fatos. Temos a Bíblia como nossa fonte documentada do ministério de várias mulheres que estavam com Cristo, como Marta, Maria Madalena, Junia e outras que vieram posteriormente e construíram a Igreja Primitiva após a ascensão de Jesus.

Homem ou mulher, nós podemos utilizar a vida dessas mulheres como exemplo de uma vida de devoção, renúncia, serviço ao Senhor e propagação das boas novas do Evangelho, sendo diáconos de Jesus. Esse artigo foi escrito no intuito de que cada vez mais conheçamos a história da nossa igreja, não inibindo a ação feminina em seus ministérios atualmente. Tratamos sobre o passado para compreendermos o presente e aprimorarmos o futuro, à luz das Escrituras.

Podemos compreender que o início do Cristianismo e da Igreja Primitiva, que pontuamos aqui como sendo o momento que Jesus inicia Seu ministério e de onde partiram nossas análises, é apresentado

como uma religião de mulheres, atrativo para elas, principalmente por romper com uma cultura religiosa, tanto judaica como romana, hierarquizada e masculinizada.

A mulher sofreu uma restauração com a vinda de Jesus, por mais que a tenha passado a ter certo protagonismo, como vimos em muitos cenários explorados no artigo, a “novidade” era apenas pelo contexto cultural em que viviam e como houve essa quebra de uma estrutura que excluía aquelas que também são filhas.

Concluimos que Jesus reestabelece uma visão criada desde o jardim do Éden para a mulher e sua atuação não somente na sociedade, mas como parte integrante do Corpo de Cristo, sendo irmãs fraternas, mulheres de fé, dedicadas ao serviço. Somos um com Cristo, temos o mesmo chamado de santificação e proclamação das boas-novas, assim como as primeiras que viram Cristo ressurreto e propagaram o Evangelho, assim como as que não precisaram ver Jesus, mas creram nEle e por Ele foram aceitas e usadas nos primórdios da igreja.

Como a mulher encurvada, tenhamos sempre gratidão e louvores a Jesus; como Maria de Betânia, sirvamos com o coração alegre, ungindo Cristo como nosso Rei; e que, como Joana, não tenhamos medo do local em que estamos inseridos, mas que sejamos a diferença nele. Sejam também como Loide, Eunice e Priscila, ensinando sobre os caminhos do Senhor aos outros, como Febe que cuidava dos seus e proclamava o Evangelho. Como Cloe, tenhamos zelo pela igreja de Jesus e que como as mulheres que viram o Cristo ressurreto, assim também O vejamos na Eternidade.

Referenciais Bibliográficos

ALMEIDA, Rute Salviano. Vozes femininas no início do Cristianismo: Império Romano, igreja cristã, perseguição e papel feminino. Viçosa: Ultimato, 2021.

BONZE, Ian Ferreira. Liderança feminina no cristianismo do primeiro século: o caso de Febe. Humanidades em Revista, Rio de Janeiro, v. 2, p. 28-40, 2020.

BOCK, Darrell L. Luke: 2 Volumes (Baker Exegetical Commentary on the New Testament). Michigan, Grand Rapid: Baker Academy, 1996.

CUNNINGHAM, Loren. Por que não elas? 1. ed. Belo Horizonte: Editora Betânia, 2004.

Concordância Fiel do Novo Testamento - Volume 1, Grego-português. 1º ed. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 1994.

EHRMAN, Bart. The triumph of Christianity: How a forbidden religion swept the world. New York: Simon&Schuster, 2018, p. 5.

HORTON, Stanley M. I e II Coríntios: Os Problemas da Igreja e Suas Soluções. 1º ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2003.

JEREMIAS, Joachin. Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Hagnos, 2008.

IGREJA PRESBITERIANA DE LIMEIRA. MULHERES DA BÍBLIA 14: #Cloe - A mãe fundadora da fé | Projeto 3.16. YouTube, 4 julho de 2021. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=UFij0U3_u2Q&t=268s&ab_channel=IgrejaPresbiterianadeLimeira. Acesso em: 22 de setembro de 2024.

MCLAUGHLIN, Rebecca. O Jesus que as mulheres viram: como as primeiras discípulas nos ajudam a conhecer e amar o Senhor. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2023.

SILVA, Rodrigo. Maria Madalena: a verdadeira história. São Paulo: Planeta do Brasil, 2024.

SOUZA, Carolina Bezerra de. Jesus e as mulheres no Evangelho de Marcos: paradigmas de relações de gênero. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2014.

UNSER, Gelci Maria. Mulher: de vítima a discípula de Jesus. Passagem de uma condição de violência de gênero para condição de discípula e missionária cristã. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião) – Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009.